

MIGUEL ATTIE FILHO

MARCAS
E PENSAMENTOS

—

Notas a uma
História do Pensamento da Terra

—



2016

Copyright by Miguel Attie Filho

Toda propriedade intelectual é protegida pela legislação vigente de Direitos Autorais, Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, Código Civil e Lei da Criminalidade. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer meio ou forma, seja mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados sem a expressa autorização do autor.

Depósito legal Lei nº 10.994 de 14/12/2004 e 12.192 de 14/01/2010
MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro - Brasil

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)
1ª edição 2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Attie Filho, Miguel

Marcas e pensamentos : notas a uma história do pensamento da Terra / Miguel Attie Filho. -
1. ed -- São Paulo : Ed. do Autor, 2016.

ISBN 978-85-917387-6-2

1. Antropologia Filosófica - História
2. Pensamento 3. Teoria do conhecimento I. Título.

14-12665

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

Todos os direitos reservados

ATTIE PRODUÇÕES LTDA
2016

Impresso no Brasil

PRÓLOGO

I

O seio da Terra

O fluxo de eventos do Universo conhecido não tem a menor necessidade de estar condicionado às frágeis réguas com as quais os humanos o tentam medir. O Universo? Ora, quem sabe dizer sua idade real? Não se iniciou só porque alguém começou a contar o tempo e, tampouco, termina, coincidentemente, no dia em que termina o último dia de algum calendário humano. No fluxo incondicional do Cosmos são os indivíduos do pensamento que ficam, geralmente, condicionados às suas próprias medições. Imersos no que pensam medir, criam expectativas, fazem previsões, aguardam, promovem mudanças, geram novos acontecimentos e, desse modo, move-se, em parte, o pensamento, condicionado e empurrado por aquilo que os próprios humanos criam.

É atávica a medição dos ciclos da passagem do Sol e dos astros sobre as cabeças humanas. Muitos são os calendários, nenhum preciso, nenhum definitivo. E nenhum deles foi, até agora, suficientemente convincente para fazer com que todos os humanos aderissem, em unísono, ao começo e ao fim dos dias de papel. Em uma dessas frágeis medições utilizadas atualmente, há bem pouco tempo, um dos calendários acabava de mudar de fase e, em seus dias, a Terra ensaiou sua entrada em um suposto século XXI. Não foi, portanto, o Universo que mudou de século, mas somente o calendário. Contudo, embora as datações não sejam suficientemente fortes para mover os céus, são suficientemente fortes para mover o pensamento que, em tempos de papel, é empurrado a se mover, criando novos espaços para avaliações, revisões, manutenção ou mudança de ideias e de práticas vigentes.

Nos dias em que escrevo, tudo isso parece ser só um começo, e é de se esperar que ainda sejam utilizadas ferramentas do século passado. Refiro-me ao ferramental cognitivo, ideológico, noético. A real dimensão das transformações que ocorrerão durante esse período, denominado século XXI, só poderá ser avaliada ao final de 2099. Mas quem de nós as verá? De toda maneira, os humanos costumam fazer coisas sem saber exatamente qual o sentido que suas ações desencadeiam depois de muito tempo – e

nenhuma geração parece escapar dessa máxima. Em minha visão, o foco mais importante para o qual a razão deve ser dirigida é, pois, a transmutação das ferramentas de cognição e de entendimento para esse novo século. A principal delas é a reforma do pensamento dos humanos a respeito de sua passagem pela Terra.

Nesse sentido, a escolha de um espaço de trabalho que envolva a noção de uma história do pensamento da Terra tem razões especiais. Procuo aqui as marcas que o pensamento dos humanos tem deixado neste planeta e, nos dias atuais, até mesmo fora dele, com o propósito de compreender algo sobre elas e, conseqüentemente, sobre ele. Tal processo de deixar rastros se estende para além das civilizações antigas que iniciaram seus registros em pequenas tabuletas de barro ou em sinais esculpidos e gravados em pedras há mais de 5.000 anos. Desde que se estabeleça que a noção de pensamento é o que – no dizer dos próprios humanos – os teriam diferenciado, de algum modo, dos demais existentes, as marcas que tal diferença proporcionou estão, portanto, antes da escrita. Esculturas de pedra, pinturas em cavernas, artefatos para caça, marcas de contagem em ossos de animais, etc. já eram, assim, as primeiras marcas do pensamento dos humanos. Proponho-me a rastrear parte desse patrimônio da Terra deixado pelas diversas

civilizações e culturas até agora, em busca dos modos e tipos de pensamento que o produziu.

Em certo sentido, são mesmo polifônicas as culturas que surgiram na Terra, ainda que possam, em alguns casos, terem traços herdados umas das outras. Em outro sentido, a polifonia curva-se à unidade do pensamento como um todo. O pensamento dos humanos, de alguma forma, é pensamento da Terra. Nesse segundo sentido, a polifonia das diversidades parece ficar em um plano secundário, dando lugar a uma vasta câmara de fundo do próprio pensar.

Mas, afinal, o que é o pensamento? Ora, nada mais enigmático e complexo a ser determinado. Ainda que se possa dizer como, em parte, ele funciona – ou seja, como se comporta o cérebro enquanto se pensa, como se transmitem e se comportam certas regiões neuronais passando, depois, para outras, etc. –, ainda, assim, não se pode dizer com certeza o que ele propriamente é. Afinal, saber como é não significa saber o que é. Sequer se sabe se o pensar é fruto do cérebro ou se é algo de outra natureza que usa o cérebro para se manifestar. O certo é que o pensamento deixa marcas, e isso me interessa. Não cabe neste ponto alongar essa discussão, mas a mim basta, por ora, perceber que as marcas deixadas pelo pensamento podem ser uma pista para seguir, procurando desvendar o que ele é e o porquê de seus movimentos.

Se, em épocas passadas, as marcas dos pensamentos estiveram mais isoladas – na medida em que as culturas não tinham, muitas vezes, um contato tão intenso entre si –, nos dias atuais, pode-se ver e ouvir o mundo inteiro em poucos cliques. No tempo cronológico, não só o presente, mas, também, o passado. Em tempo real, passa-se a história do mundo, do Universo e dos humanos, como se tudo isso tivesse sido muito rápido. Porém, as transformações foram lentas ao longo do tempo, e hoje é preciso haver transformações não somente rápidas, mas – mais do que isso – profundas. Desenvolver categorias cognitivas suficientemente válidas, atualmente, para se alcançar o entendimento das manifestações do pensamento na esteira da cronologia da Terra é, no mínimo, razoável. É nessa direção que pretendo seguir, alinhando meu pensamento com os que pretendem constituir uma nova visão da sociedade terrena sobre si mesma. Apresentar traços das marcas dos pensamentos dos humanos como um patrimônio único que os lembre de suas origens, que os ponha de volta no presente e os lance para o futuro do século XXI, com novos paradigmas civilizatórios.

A civilização da Terra, pelos humanos, é uma só. Muitos estão postos frente a frente com suas próprias diversidades, mas isso apenas mostra

que estiveram dispersos por muito tempo. Houve meios de encontrarem a si mesmos em tempos distantes e por distâncias longínquas. Não são outros esses humanos que deixaram as marcas de seus pensamentos pela Terra. São um e mesmo, em outro tempo, em outro espaço. Melhor, em outro espaço-tempo.

É possível criar novas teorias que acolham o diverso no mesmo. A principal delas, a que deve acontecer nesse século é, em minha visão, a reforma do entendimento dos humanos a respeito de si, da sociedade, da Natureza e do Universo. Por um lado, as singularidades e as particularidades dos indivíduos, das nações e das civilizações podem tender a se intensificar, pois é isso que fornece e garante a cada um sua identidade local, mas, ao mesmo tempo, pode-se criar um andar de cima no interior de cada um dos humanos para que sejam livres para compreender, aprendendo a lidar com o universal nas singularidades das pessoas, dos povos, das culturas e das civilizações.

Cheguei a pensar que o Brasil, em parte, poderia ser um bom lugar para se começar a fazer isto e, assim, pensei em deixar, pois, um tipo de ferramenta que pudesse ser utilizada na reconstrução futura das percepções e das ideologias, deixando assim, eu também, marcas desta geração, marcas do pensamento.

Terra, século XXI, dias de papel.